



Aula de geografia: um olhar a partir do estágio supervisionado do curso de Geografia – IFPE

David Roney Vieira Palmeira¹; Josafá Henrique Gomes²

Página | 330

¹Licenciando do curso de Geografia do IFPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, polo UAB - Santana do Ipanema, Alagoas; e-mail: roneydavid26pg@gmail.com;

²Professor orientador de Estágio Supervisionado I – formado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, possui especialização em Geografia pela Fundação de Ensino Superior de Olinda – FUNESO; email: josafagomes@hotmail.com.

RESUMO: O estágio supervisionado é um momento oportuno para que o acadêmico construa as suas percepções sobre a escola, sobre os alunos e, especialmente, sobre a prática docente. O presente artigo, fundamentado em Kimura (2010), Luckesi (2011), Carlos (2012), Ramos (2012) e nos PCNs de Geografia (1997), visa relatar e discutir uma experiência vivida através da disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de licenciatura em Geografia – IFPE EaD. Trata sobre as turmas observadas na instituição. Discute também o desempenho, práticas e procedimentos metodológicos da professora supervisora bem como a ausência de alternativas didáticas nas aulas observadas por causa do uso excessivo do livro didático. Ao término é realizada uma breve avaliação da turma do 6º Ano “D”, onde aconteceram quatro aulas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de geografia, didática, livro didático.

ABSTRACT: The supervised training is an opportune time for the academic make their perceptions about school, about the students and especially on the teaching practice. This article, based on Kimura (2010), Luckesi (2011), Carlos (2012), Ramos (2012) and the PCNs Geography (1997), aims to report and discuss a lived experience through discipline Supervised Internship I, the degree course in Geography - IFPE EaD. Then deals with the classes observed in the institution. It also discusses the performance, methodological practices and procedures of the supervisory teacher and the absence of educational alternatives in the classes observed because of excessive use for textbooks. At the end is a brief assessment of the class of Year 6 "D", which happened four practical lessons.

KEYWORD: geography teaching, teaching, geography textbook.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de observações e regências realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Geografia (2016.1) do IFPE¹, polo Santana do Ipanema (Alagoas)². Assim, o conjunto de elementos aqui presentes, retrata as vivências durante o período do estágio, nos fazendo perceber a sua essencialidade na formação de futuros professores, pois é no cotidiano da prática profissional que continuamos a nos construir enquanto docentes, isto é, aquilo que nos identifica, não no sentido abstrato, mas nas concretudes da prática pedagógica.

De acordo com Passini et al. (2013, p. 27):

A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado estão presentes em todos os cursos de licenciatura, e devem ser considerados como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. Assim, são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação das teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas.

Neste sentido, para a realização do mesmo, fizemos uma primeira aproximação: observações nas aulas da disciplina de Geografia numa escola de Ensino Fundamental de um município do Alto Sertão alagoano, bem como na estrutura escolar, o espaço físico e seu entorno, funcionamento, organização pedagógica e administrativa e as relações interpessoais no ambiente escolar e também analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP), planos de ensino, projetos desenvolvidos com os estudantes, a comunidade e seu envolvimento na unidade escolar.

Num segundo momento aconteceu a participação nas aulas de Geografia, mas com auxílio à professora supervisora³ e com a atuação do estagiário com aulas práticas (regência). Este momento também consistiu em assistir ao planejamento escolar, a ajudar a professora na aplicação de testes, tirar dúvidas de alunos nas aulas, assistir a atividades culturais na instituição, bem como outras atividades.

¹Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de Pernambuco.

²De acordo com a *Organização Acadêmica* (2014) da supracitada instituição², no Art. 178, “a prática profissional é essencial para a articulação entre teoria e prática e constitui e organiza a formação do estudante, incluindo, quando necessário, o estágio curricular supervisionado para estudantes dos Cursos Superiores e dos Cursos Técnicos de Nível Médio, podendo ser desenvolvido em qualquer empresa, seja de direito público ou privado, inclusive no IFPE”.

³É a atuante na disciplina de Geografia na escola onde o estágio foi realizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já posto na primeira seção, este trabalho se constitui em um relato de experiência construído sob requisito da disciplina de Estágio Supervisionado I, do Curso de Geografia do IFPE. Sendo assim, o campo empírico escolhido para realizar as mediações foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Oton Gaspar de Farias (EMEF OGF)⁴. Acreditamos que a localização é privilegiada, pois alguns problemas no entorno da escola são recentes (como, por exemplo, a violência e as drogas), apesar de que têm se agravado muito. A sala em que se deu a regência foi a do 6º ano “D”, a turma foi selecionada em virtude de apresentar estudantes com a faixa etária menor (no horário vespertino) e de ter sido a sala mais aberta à presença de um “invasor”: o estagiário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante os meses de março e abril de 2016 foram observadas as práticas desenvolvidas pela professora supervisora⁵ em aulas de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º Ano). A professora leciona em seis turmas, sendo um 6º Ano (“D”), dois 7º (“C” e “D”), dois 8º (“C” e “D”) e um 9º Ano (“B”). O perfil etário dos alunos varia entre 12 a 18 anos, e em todas as salas de aula foi possível perceber timidez, introversão, extroversão, indisciplina, desatenção, dispersão nos mesmos.

Dentre estas turmas, nossa intervenção pautou-se no 6º Ano “D”, esta possuía 30 alunos numa faixa etária entre 11 e 12 anos de idade (mais meninas que meninos), contando com alunos introvertidos e participativos, sempre envolvidos nas atividades.

As relações professor-aluno e aluno-aluno na sala do 6º Ano “D” são boas, pois, nesta última, conversam entre si, demonstrar estar unidos, etc. E sobre a primeira é “o sustentáculo da vida escolar. Tal vínculo deve se estabelecer de forma a viabilizar todo o trabalho de ensino-aprendizagem” (BOCK, 2008, p. 272). Afinal de contas, a escola é só um prédio de tijolos, quem a torna viva são os alunos e os professores, que são os seus dois elementos formadores (PASSINI *et. al.*, 2013, p. 68).

⁴ Criada pela Lei nº 248/2004 de 29 de março de 2004, localizada na Avenida Adão Vieira, s/n – Bairro Santo Antônio – no município alagoano de Carneiros, localizado no alto-sertão do estado, e fica encravado na microrregião de Santana do Ipanema, tendo como municípios limítrofes: São José da Tapera (ao Norte), Santana do Ipanema (ao Sul), Olho d’Água das Flores (ao Leste) e Senador Rui Palmeira (a Oeste).

⁵ A professora é formada em Geografia pela FABEJA – Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim - PE.

No âmbito das salas de aulas, é necessário que existam boas relações afetivas entre os alunos: onde prevaleçam, em especial, o respeito e a empatia. O professor deve ser motivador desta relação. Na sala observada, a docente faz o possível para criar a relação professor-aluno e aluno-professor e isto torna a prática educativa um desafio maior e mais prazeroso, que pode estabelecer vínculos de amizade e afetividade que favoreceriam e facilitariam o processo de ensino-aprendizagem.

As interações em sala de aula devem ter um caráter particular, para que a escola assuma seu papel na formação da personalidade do aluno e o professor cumpra a função das relações afetivas que se estabelecem nesse ambiente, considerando o aluno como um todo, afinal suas atitudes, pensamentos e emoções interferem diretamente no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem (PILETTI, 2004).

Diante das discussões realizadas por Carlos (2012, p. 7), que afirma que “é necessário refletir sobre o modo como se ensina, os conteúdos, os instrumentos que se utiliza (e os modos como podemos utilizá-los) apresenta-se, hoje, como fundamental” e pelos PCNs (1997) que orientam levar em consideração o lugar onde os sujeitos estão inseridos, percebemos que na turma do 6º Ano “D” havia a necessidade de alternativas didáticas variadas e que possibilitassem um olhar refinado dos discentes sobre a realidade local, como, por exemplo: através de jogos, de interpretação de letras de músicas, de registros fotográficos locais, de dinâmicas, de trabalhos coletivos⁶, de aulas de campo, de construção de poesias etc.

Ramos (2012, p. 10) afirma que “Através dos recursos didáticos diferenciados e com a elaboração de metodologia adequada para a prática de ensino é possível contribuir no desenvolvimento cognitivo e na formação social do aluno”. Certamente o uso de tais ferramentas didáticas diferenciadas no ensino da Geografia ajudam a “quebrar o gelo” e/ou a tirar a má impressão em relação a esta disciplina: impressão de que ela é somente algo desconexo presente nos livros didáticos, nas figuras e discursos, mas que não se encontra ao nosso redor, na nossa rua, cidade, no nosso cotidiano etc.

Há sempre metodologias mais fáceis de atingir o educando e de mediar esta construção do conhecimento (mas que isso depende da realidade de cada sala de aula). A forma com que o professor trabalha o seu conteúdo com a turma dirá muito sobre os resultados de aprendizagem da mesma. É o professor quem também deve “interpretar” aos seus alunos e descobrir suas limitações para que estas possam ser sanadas no dia a

⁶ Tendo em vista que o aluno precisa de uma ótima relação com seu próximo, o professor tem que buscar ferramentas para incentivar esse processo. Uma boa forma seria os trabalhos em grupo, estes por sua vez acarretariam ajuda mútua, favorecendo o clima de cooperação e despertando a aceitação do outro.

dia da sala de aula. Para Passini (*et. al.*, 2013, p. 38), “A escolha do conteúdo para ensinar Geografia deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo” (p. 38). E é este justamente o papel da Geografia: contribuir para a construção de um olhar crítico nos discentes para que possam compreender o mundo ao seu redor.

A necessidade para alternativas didáticas foi sentida devido a percepção do uso excessivo do livro didático (LD) nas aulas de Geografia observadas, este era praticamente a fonte única para acesso a textos da disciplina.

O LD é, certamente, um grande suporte para o professor em sala de aula, porém não deve ser o único. Ele não deve ser posto como o centro de tudo, ou como se fosse solucionador de problemas que possam surgir ou que é algo ideal. Até porque não existe livro didático ideal. O que existem são conteúdos e atividades que podem ser inseridas e adaptadas dentro de uma realidade gerando discussões e construindo conhecimento.

Luckesi (2011) afirma que o livro didático não pode ser assumido como uma “bíblia”, um livro sagrado, onde tudo o que está posto é verdade e tem que ser seguido à risca, como verdade absoluta. Afinal de contas, questiona ele, “Será que os livros didáticos merecem todo esse respeito e submissão? Ou será que devem ser usados sempre de uma forma crítica, como um ponto de partida a ser abordado, discutido, questionado, duvidado?” (p. 131). O supracitado autor deixa claro que não é que não se pode usar este recurso, mas ele deve ser assumido criticamente, “ultrapassando os limites do senso comum” (p. 131).

Kimura (2010, p. 22) discute que:

Existem livros didáticos de Geografia preferidos pelos professores, uma vez que, além das informações ou os chamados conteúdos geográficos propriamente ditos, eles apontam as atividades a serem realizadas pelos alunos. Mais ainda, esses livros adiantam as estratégias didáticas a serem desenvolvidas para que o tema em pauta seja vencido. [...] Em tais condições, **esses livros acabam praticamente ensinando sozinhos**, pois, em geral, os encaminhamentos já estão determinados. (grifo nosso).

Apesar de não ser do desejo da professora de Geografia havia uma centralidade no conteúdo do livro (gerando um pouco de monotonia nas aulas) e havia pouquíssimo complemento para este (um atlas e um globo terrestre, que nem sempre eram usados), mas apesar de só possuí-lo como recurso “mais forte” a docente não se limitava a ele, ele não “ensinava sozinho”. Sua explanação do conteúdo ultrapassava as linhas imaginárias e repousava nas condições concretas vivenciadas pelos estudantes. Algo importante a se destacar é o domínio de conteúdo que a professora possuía.

É fato que ainda muitos professores dependem excessivamente do livro didático e o usam como base e caminho únicos para a sua prática, esquecendo-se de atualizá-la ou de buscar novas formas para fortalecer o ensino. Muitos professores o consideram como fonte principal de conhecimento, sendo que, na verdade, ele não é. Muitas vezes, como diz Luckesi (2011, p. 129), os “livros didáticos são assumidos acriticamente”.

No mês de abril de 2016 foi realizada a intervenção junto à classe observada, todavia antes de preparar algum conteúdo para as aulas práticas sentimos a necessidade de dar continuidade ao que a professora supervisora estava aplicando na turma através do livro didático (LD), porém optamos por alternativas didáticas (como fotografias locais, vídeos, textos etc) que pudesse ir além dele. Apesar de escolhermos uma temática já presente no LD (Os lugares e suas paisagens) o foco da intervenção foi voltado para a cidade onde se localizava a escola no intuito de fazer os alunos perceberem a presença e a importância da geografia estudada em sala no seu cotidiano e no seu município.

Durante as quatro aulas a turma mostrou-se bem atenciosa ao conteúdo que foi trazido se envolvendo e participando quando questionada, exceto duas alunas que se localizavam ao fundo da sala. As mesmas prestavam atenção nos slides, no vídeo, etc, mas demonstravam desinteresse, apatia e em algum momento chegaram a atrapalhar a aula.

Acreditamos que apesar de algumas dificuldades de compreensão e absorção do conteúdo, os objetivos das aulas⁷ foram alcançados, pois os alunos conseguiram compreender, dentro dos seus limites, o que foi trabalhado durante estas quatro aulas de regência.

Algo que não se pode deixar de citar (que foi percebido através das respostas de um questionário aplicado numa das aulas) e que é uma realidade gritante nas nossas escolas, é a dificuldade de escrita dos alunos que cometem muitos erros ortográficos, de concordância e até escrevem algumas palavras que são de muito difícil compreensão para o leitor.

Por fim, é mister salientar que a escola necessita discutir mais sobre os assuntos que dizem respeito a ela, como: a segregação socioespacial, a exclusão social, a ausência de saneamento básico, dentre outros. É necessário também fortalecer a relação escola-família, pois “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou

⁷**OBJETIVO GERAL:** 1) Conceituar e distinguir espaço geográfico, lugar e paisagem. **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** 1) Apresentar os distintos lugares presentes no mundo; 2) Compreender as características e elementos do lugar; 3) Incitar o aluno a analisar a paisagem.

inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social” das pessoas (DESSEN & POLÔNIA, 2007, p. 22). É fato que a escola apresenta-se nos dias atuais como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade (BOCK, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Passini (et al., 2013, p. 29), “É o estágio tanto de observação e participação como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional”. De fato, este tem um papel fundamental na formação do futuro professor, pois é um momento ímpar e necessário aos licenciandos.

É viável afirmar que os momentos que aconteceram no contexto do Estágio Supervisionado I trouxeram ganhos no que se refere à formação acadêmica em Geografia, pois como discentes desta licenciatura pudemos ter, mesmo que breve, um contato real com as aulas de Geografia, com o âmbito escolar (escola como um todo) percebendo as interações/socialização/diálogo entre os estudantes e como eles se relacionam com o saber no espaço da sala de aula e com os sujeitos que nele estão inseridos, bem como perceber a prática docente e a necessidade que hoje há nas escolas de se fazer uso de alternativas didáticas no ensino da Geografia, indo para além do que impõe o livro didático (que tem imperado neste meio).

Este trabalho prático nos concedeu a oportunidade de estarmos com os alunos “de verdade” numa classe. “De verdade” porque a prática não foi algo encenado, com ensaios prévios, mas estivemos abertos a todo o momento às mudanças e às necessidades de cada um. Acreditamos que isto é o que deve acontecer sempre nas salas de aula, pois nem todos os discentes são iguais e nem todas as situações de um dia irão se repetir na outra.

As aulas aconteceram como planejado. Os planos de aula foram cumpridos, os objetivos alcançados e os conteúdos foram aplicados da devida maneira, contando com a participação da turma e com o apoio da docente.

REFERÊNCIAS

1. BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRAS, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
2. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997. 166 p.
3. CARLOS, Ana Fani A. (org.). *A geografia na sala de aula*. 9. ed., 1ª reimpr., São Paulo: Contexto, 2012.
4. DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, *Paidéia*, 17(36), p. 21-32, 2007.
5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE. *Organização Acadêmica Institucional*. Disponível em <<http://www.ifpe.edu.br/campus/ipojuca/o-campus/documentos/organizacao-academica-institucional.pdf>>. Acessado em 12 mar. 2016.
6. KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
7. LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da Educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
8. PASSINI, Elza Yasuko et al. *Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2013.
9. PILETTI, Nelson. *Psicologia educacional*. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
10. RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. *A importância dos recursos didáticos para o ensino da geografia no ensino fundamental nas séries finais*. Monografia (Licenciatura), Universidade de Brasília, Departamento de Geografia - Santa Maria - DF, 2012.
11. SILVA, Felipe Akauan da et. al. *Materiais didáticos: alternativas à prática de Geografia*. Anais XIV Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, Porto Alegre/RS, 2010. Disponível em <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2969>. Acesso em 30 mai. 2016.